

# A letra e o espírito

Circus do Suannes

*O Papa, com sua autoridade de representante de Deus na Terra, afirma: todos os Papas são representantes de Deus na Terra.*

(Do *Livro das Sínteses*)

Fui criado num lar cristão, mas jamais me foi imposto aderir a este ou àquele ramo do Cristianismo. Na minha juventude, quando ainda não se dizia que a única religião digna de tal nome era o catolicismo, sendo as demais meras seitas, travei contato com autores sérios, como Jacques Maritain, que me mostraram não haver incompatibilidade entre fé e inteligência. Impressionei-me com a santidade modelar de [Albert Schweitzer](#), não reconhecida mais por motivos políticos do que teológicos. A honestidade do padre Paul-Eugène Charbonneau, ao reconhecer que eles padres haviam tantas vezes metido os pés pelas mãos, desgraçando a vida de muitas pessoas que se deixaram levar por alguns de seus descabidos conselhos, encantou-me. Em seu “Moral Conjugal no Século XX” ele não deixa por menos: “Quisemos fazer cristãos onde ainda não havia homens. O fato é que hoje não temos nem homens nem cristãos”. Li Alceu Amoroso Lima e me deixei tocar por sua visão humanista da fé, a mesma visão que havia levado o advogado Sobral Pinto, católico de missa diária, a defender comunistas, jamais por serem comunistas e sempre por serem seus irmãos em Cristo. Entre o estilo duro do Tristão de Ataíde e a leitura apazível de um “Lições de Abismo”, do Gustavo Corção, eu creio que sabia distinguir entre fundo e forma. Li tanto as obras de Helder Câmara como as de João Mohana. A leitura do [Catecismo Holandês](#) ” convenceu-me de que era possível declarar-me católico e partir para leituras que meu despreparo e falta de atrevimento até ali não me haviam permitido.

Um movimento de cristianização de lideranças, nascido na Espanha, onde era considerado “de direita”, deu com os costados no Brasil e, por força da influência da Teologia da Libertação,

passou a ser considerado de “esquerda”, simplesmente porque falava em “direitos fundamentais do ser humano”. Arrebatado pelos “Cursilhos da Cristandade”, procurei acelerar meus conhecimentos da teologia católica, valendo-me do pouco tempo que minhas atividades profissionais me permitiam. Tornei-me “rollista” e passei a divulgar, juntamente com outros leigos e sacerdotes, os preceitos evangélicos nas trabalhosas e cansativas sessões de fim de semana, para “cristianizarmos os ambientes”, como se dizia. Conservou-se no Brasil o termo “rollo” para designar cada um dos cinco sermões diários com os quais procurávamos inculcar nos candidatos a “líderes cristãos” aqueles preceitos. Dentre tantas figuras conhecidas, ali estava o Eugênio Soares, cujo nome artístico já era sinônimo de inteligência e sensibilidade. Tornou-se, graças aos Cursilhos, “ministro extraordinário da eucaristia”, mister que desempenhava nas missas dominicais das dez horas na Igreja de S. Gabriel, no Itaim Bibi. O fato de a fila de fiéis que preferiam receber a hóstia das mãos do Jô Soares enquanto o sacerdote ficava segurando a hóstia à espera de quem quisesse recebê-la de suas mãos era apenas um pormenor folclórico.

João XIII dizia que deveríamos estar despertos para a movimentação dos ventos. E os novos ventos trouxeram para o Vaticano o polonês Woytila, figura carismática que sabia utilizar em sua atuação de Papa a inegável vocação para o teatro. Muito embora batalhasse com afinco para mudar o regime político de sua Polônia, proibiu os católicos da América latina de misturar religião e política, algo que estava na base dos Cursilhos. Nosso líder Leonardo Boff pagou com um primeiro “silêncio obsequioso”, imposto por um bispo de formação teutônica, sua insistência em tentar identificar “cidade de Deus” com “cidade dos homens”. Quando o mesmo cardeal [Ratzinger](#) tentou ir mais adiante em sua *blitzkrieg* contra a Teologia da Libertação, Boff preferiu falar de [águas e galinhas](#) e concentrar-se na salvação do [planeta](#). Ironicamente, ninguém menos do que o mesmo Ratzinger é escolhido pelo Espírito Santo para guiar o atônito rebanho, que vê os templos católicos, em todo o mundo, transformarem-se em locais de peregrinação meramente turística, ao mesmo tempo em que as “igrejas eletrônicas” proliferam por toda parte, à custa da exploração de ingênuos e da passividade das autoridades públicas civis.

Minha ignorância não é tanta que eu desconheça a história da Igreja Católica e de seus

principais Papas, dentre os quais o insuperável Rodrigo Gil de Borja i Borja, convertido, em inexplicável descuido do Espírito Santo, em Alexandre VI, pai de Cesar Bórgia e Lucrécia Bórgia, três nomes que dispensam apresentação.

Aprendi com Agostinho de Hipona que a fé nos testa a todo o tempo, o que ele expressou numa frase paradoxal: *“Pai, que eu creia.”* Com S. Juán de la Cruz identifiquei-me na descoberta de que entre a fé que tenho hoje e aquela que talvez eu volte a ter amanhã ou depois podem medear *noches oscuras*, o que até me levou a desabafar:

*Se tudo fosse como um faz de conta,  
cabeça tonta que girasse ao vento  
e o pensamento nos levasse longe  
e a voz de um monge, de serena face,  
nos ensinasse coisas do viver?*

*Talvez não ter com que preocupar-se;  
melhor calar-se que dizer tolice.  
E quem nos diz se tudo isso é mentira?*

*E o mundo gira, qual um carrossel,  
eu num corcel, saído do meu sonho,  
onde inda ponho toda essa esperança.*

*Quem hoje dança? Que é da alegria?  
Houvera um dia onde todos rimos;  
depois saímos nós da juventude.*

*E quem se ilude quando há só velhice?  
Quem foi que disse que há outra vida?  
Gente iludida. A morte é que conta  
e desaponta. Acabou-se o doce.*

Tivesse eu o talento inspirado do grande santo espanhol expressaria minha impaciência com coisas belas como:

*“¡Sácame de aquesta muerte,  
mi Dios, y dame la vida;  
no me tengas impedida  
en este lazo tan fuerte;  
mira que peno por verte,  
y mi mal es tan entero,  
que muero porque no muero!*

*Lloraré mi muerte ya  
y lamentaré mi vida,  
en tanto que detenida  
por mis pecados está.*

*¡Oh, mi Dios! ¿Cuándo será  
cuando yo diga de vero:  
vivo ya porque no muero?”*

Assim é a vida. O dia-a-dia testando-nos em nossas convicções mais profundas. Quando, em nome da lei, submeteram a adúltera a julgamento, quem atirou a primeira pedra? Você atiraria, cumprindo ao pé da letra a lei de Deus? Aquele que os católicos dizem ser o Filho de Deus limitou-se a dizer *“Vai-te e não tornes a pecar”* (João, 8,11), dando mais valor ao espírito do que à letra da lei. Como diria Saulo de Tarso, “a letra mata, o espírito vivifica”.

Que faria aquele mesmo Jesus se uma aflita mãe lhe pedisse que salvasse a vida da filha, uma menina de míseros 9 anos de idade, grávida (de gêmeos!) por força de um estupro contínuo praticado por quem deveria dar a ela exemplos de vida? Será que exigiria que aquela gravidez de altíssimo risco chegasse a termo, talvez com a morte das três crianças?

Exigiria que aquela criança, caso chegássemos ao inesperável parto, visse pelo resto de seus dias aquela lembrança viva da violência animalesca a que foi submetida por quem traiu seus deveres mínimos de pai? Qual seria [ovalor](#) maior a ser preservado?

Não será descabido recordar que esse apego à letra da lei era uma característica dos fariseus, que o mesmo Jesus de Nazaré chamou de “sepulcros caiados”, pois eram, segundo ele, “brancos por fora e podres por dentro” ([Mateus 23,27](#)).

Obra original disponível em:

<http://www.overmundo.com.br/banco/a-letra-e-o-espírito>